

MINISTÉRIO DA CULTURA, ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA
SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS, E
FUNDAÇÃO OSEP APRESENTAM

o s e s p

Temporada 2026

Revista

Uirapuru

10, 11 e 12 de setembro

2026

São Paulo

Ano 1 – nº 42



Cerimônia de denominação do Boulevard Maestro Eleazar de Carvalho

Neste dia 12 de setembro, a Osesp lembra os 30 anos da morte de Eleazar de Carvalho com uma cerimônia de denominação do Boulevard de entrada da Sala São Paulo em sua homenagem. A escolha não é apenas simbólica: foi sob a batuta de Eleazar, entre 1973 e 1996, que a orquestra ganhou a força e a identidade que ainda hoje a definem. É também a sua estátua que saúda o público a cada vez que alguém atravessa as portas desta casa. Conheça, a seguir, a trajetória do grande maestro brasileiro.

Eleazar de Carvalho [Iguatu, 28 de junho de 1912 — São Paulo, 12 de setembro de 1996] foi o mais importante regente brasileiro. Viajou pelo mundo comandando os mais admiráveis conjuntos sinfônicos de sua época, ao mesmo tempo em que dedicou grande interesse e energia à vida musical brasileira. Atuou ainda como instrumentista, compositor e professor, tendo orientado alguns dos principais nomes da regência.



Eleazar nasceu em Iguatu, no Ceará, em 1912, e foi numa banda militar que começou a desenvolver sua aptidão, aos 11 anos, após ser mandado estudar na Marinha por ordem de seu pai, o capitão do exército Manuel Afonso de Carvalho. Foi tocando tuba na Banda do Batalhão Naval que Eleazar transferiu-se ainda jovem ao Rio de Janeiro, onde passou a estudar na Escola Nacional de Música (hoje pertencente à UFRJ), cursando regência com Francisco Mignone. Em 1929, trocou a Banda pela Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 1939, sua primeira ópera, *O descobrimento do Brasil*, estreou no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Dois anos depois, foi a vez da ópera *Tiradentes*.

Ganhando a América

Mas Eleazar tinha ambições muito maiores — em 1946, partiu para os Estados Unidos decidido a reger uma das três grandes orquestras norte-americanas da época: Boston, Filadélfia ou Nova York. Bateu em algumas portas e ouviu muitos “nãos”. Determinado, não se deixou abater e foi atrás de Sergei Koussevitzky, em Massachusetts. Para se aproximar do regente, que então ministrava um de seus famosos cursos no Berkshire Music Center (posteriormente Tanglewood Music Center), ele se utilizou de uma tática arriscada: “Afirmar que trazia uma mensagem do presidente do Brasil e que esta deveria ser entregue ao mestre. Fui recebido. ‘É a mensagem?’, perguntou Koussevitzky. ‘É, verbal, senhor’. E, apesar da reação de surpresa, continuei: ‘Peço-lhe cinco minutos à frente da orquestra. Se julgar que não tenho qualquer possibilidade, voltarei e viverei da caça e da pesca no meu país’”, contou anos depois. Bem-sucedido na manobra, Eleazar tornou-se aluno e assistente de Koussevitzky ao lado de outro jovem talento, Leonard Bernstein. Já em 1947, reger a Sinfônica de Boston pela primeira vez. A partir daí, Eleazar esteve à frente de diversos conjuntos dos EUA, como a Sinfônica de Chicago, a Filarmônica de Nova York e a Orquestra da Filadélfia. Em 1951, após a morte de Koussevitzky, o maestro brasileiro assumiu seu posto na cátedra de regência do Berkshire Music Center, onde ficaria até 1965. Antes, em 1963, tornou-se doutor em música pela Washington State University, mesmo ano em que assumiu a direção musical da Sinfônica de Saint-Louis. Além de aumentar o número de integrantes da orquestra e trabalhar sua personalidade musical, Eleazar fez com que ela dedicasse boa parte de sua programação à música contemporânea, incluindo estreias mundiais. Em 1968, deixou o conjunto para dirigir a Pro Art Symphony Orchestra, em Nova York, onde ficaria até 1973. Paralelamente, regia como convidado alguns dos maiores conjuntos da Europa e dos EUA, como as Filarmônicas de Los Angeles, Londres, Berlim, Viena e Israel. Foi também professor de regência em escolas como a Juilliard School e a Universidade Yale.



De volta ao Brasil

Se a vontade de “conquistar a América” havia sido grande, grande também era seu interesse pelo Brasil. Além de atuar por diversos anos como diretor musical da Orquestra Sinfônica Brasileira, Eleazar colaborou com a Sinfônica Municipal de São Paulo e as Sinfônicas de Porto Alegre, Recife e Paraíba. Porém, sua relação mais estreita e duradoura foi com a Osesp.

Em 1973, Eleazar assumiu a direção do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, criado três anos antes. A partir de sua experiência com o Festival de Tanglewood, que dirigiu por cerca de 15 anos, decidiu transformar o evento num curso intensivo de aprendizado musical, intercalando as apresentações artísticas com uma programação pedagógica. Em Tanglewood, a Sinfônica de Boston exercia papel central, promovendo o festival e atuando como conjunto residente, além de vários de seus músicos atuarem como professores. Para implementar esse modelo em Campos do Jordão, Eleazar precisava contar com uma orquestra de

alto nível. É neste contexto que ocorre a primeira reestruturação da Sinfônica Estadual, que passa a se chamar Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

ORQUESTRA SINFONICA
DO ESTADO DE SAO PAULO

Regente Titular: MAESTRO ELEAZAR DE CARVALHO
Regente Assistente: MAESTRO TULLIO COLACIOPPO

COMPONENTES

Primeiros Violinos:

Ayrton Adelino Teixeira Pinto (spalla)
Rafael Fernando Garcia Saavedra
(ass. do spalla)
Audino Eliseo Nunes Aparicio
Oswaldo José Sbarro
Orlando Digenova
Henrique Brucoli
Margarida Carvalho Leite
Nestor Carlos de Lima
Antonio Munhoz Filho
Eduardo Szwec
Ruy Sérgio Gabriel Salles
Oveci Blitzman

Segundos Violinos:

Jean Rigo
José Mauricio Guimarães
Alfredo Coppola
Altamir Tea Bueno Salinas
Dante Zanoli
Constantino Machado Pedrosa
Helle Engholm
Cezario Vannucci
Elore Aglie

Violas:

Michel Verebes
Hector Eduardo Pace
Adriana Ribeiro de Grande
Paulo Simões da Silva
Celso Monteiro Mercaldi

Violoncelos:

Edward P. Sienkiewicz
Shinji Ueda
Lauro Del Claro
Marco Antonio Guimarães
Song Hwan Han
Mônica Muhleise

Contra-Baixos:

João Gomes Ferreira
Paulo Roberto Toledo Santos
Pugliesi
Isidro German Pellegrero Resano
José Carlos Alvarenga
Evaldo Decio Reis Maia
Mauriti Costa Verônica

Flauta:

Norman Julius Dee
Mary Glee Lagasse

Oboés:

Mark Joseph Maryanski
Ruth Ann Cameron

Corno Inglês:

Cleon Adriano de Oliveira

Clarinetas:

Alejandro Alonso Camus
Lynn Ann Curtis

Claron:

Antonio Bove

Fagote:

Richard Allen Kandetzke

Trompas:

Ray Kent Wagner
Mário Sérgio Rocha
Juliano Garini
Decio Diccini

Trompetas:

Gilberto Francisco Siqueira
Edgar Batista dos Santos

Trombones:

Michael Stuart Kelli
Antonio Cecato
Gilberto Caldeiras Dantas

Tuba:

Donald Smith

Piano:

Ana Lucia Altino Garcia

Timpanos:

Arnaldo Calusio
Paul Reid Richardson

Percussão:

Débora Jean Schwartz
Elizabeth Del Grande
Inspetor de Orquestra
DANTE PERINI
Arguivista:
VITÓRIO SANTONI
Montagem:
WALDIR DE SOUZA SILVA
Ajudante:
SEZINANDINO DRUMOND

Após três meses de ensaios intensos, uma orquestra renascida fazia sua estreia em Campos do Jordão. A mão forte de Eleazar, conduzindo a Osesp com paixão e empenho por mais de duas décadas, foi a principal responsável pela sobrevivência do grupo. Além de reerguer a orquestra, fazendo dela um dos principais corpos sinfônicos do país, o maestro lutou continuamente por melhores condições de trabalho para os músicos e por uma sede adequada ao conjunto, lançando as sementes da criação da Sala São Paulo.

Camila Fresca

Jornalista, é doutora em música pela USP e curadora da programação artística da Estação Motiva Cultural.

10 de setembro quinta-feira 20h	11 de setembro sexta-feira 20h	12 de setembro sábado 16h30	Cerimônia de denominação do Boulevard Maestro Eleazar de Carvalho  Transmissão ao vivo
--	---	--	--

Sala
São
Paulo

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp
Coro da Osesp
Coro Acadêmico da Osesp
Coro Infantil da Osesp
Marin Alsop regente
Randall Goosby violino

JOHN ADAMS 1947	<i>The rock you stand on</i> [A rocha em que se apoia] 2024 10 minutos
--------------------	--

SAMUEL BARBER 1910–1981	<i>Concerto para violino, Op. 14</i> 1939 1. Allegro 2. Andante 3. Presto in moto perpetuo 25 minutos
-------------------------------	--

Intervalo de 20 minutos

SAMUEL BARBER 1910–1981	<i>Adagio para cordas, Op. 11</i> 1936 8 minutos
-------------------------------	--

JOHN ADAMS 1947	<i>Sobre a transmigração das almas</i> 2002 25 minutos
-----------------------	--

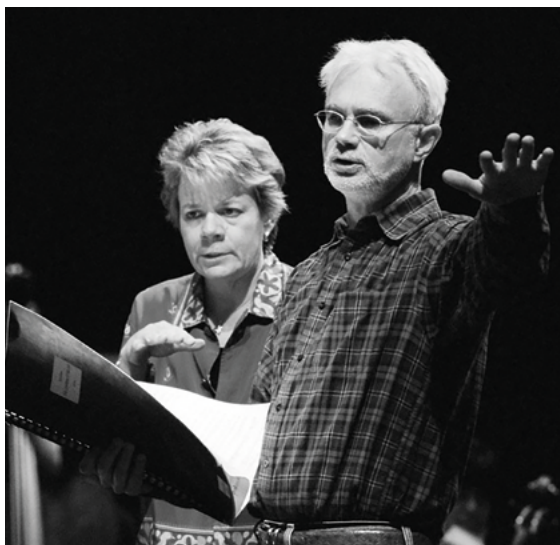
The rock you stand on [A rocha em que se apoia]
2024

Instrumentação

piccolo
3 flautas
2 oboés
corne-inglês
2 clarinetes
requinta
clarone
2 fagotes
contrafagote
4 trompas
3 trompetes
3 trombones
tuba
tímpanos
percussão
piano
celesta
2 harpas
cordas

John Adams celebrou seus 50 anos com um concerto de aniversário no Concertgebouw, em Amsterdã, com um repertório que combinava obras suas com peças para banda sinfônica — orquestra de instrumentos de sopros e percussão — de Duke Ellington, Miles Davis e Gil Evans. O gosto por esse repertório atrela-se tanto à cultura de bandas, extremamente popular nos Estados Unidos da América, quanto à sua relação com o clarinete. Instrumento central em uma banda sinfônica, o clarinete foi a porta de entrada no mundo da música para Adams, que, paralelamente aos estudos de composição em Harvard, atuou como clarinetista reserva da Sinfônica de Boston e da Companhia de Ópera de Boston, chegando mesmo a se apresentar como solista no desafiador *Concerto para clarinete* de Walter Piston, no Carnegie Hall.

The rock you stand on retoma precisamente esse conjunto de interesses do compositor, evocando não apenas a sonoridade das bandas sinfônicas, mas também elementos do jazz, linguagem à qual o compositor é ligado não apenas esteticamente, mas também afetivamente, já que seu pai, Carl Adams, era um clarinetista de jazz amador.



Uma estética afetiva é, em realidade, o princípio que anima *The rock you stand on*, presente de Adams para Marin Alsop, “uma grande amiga, uma musicista profundamente intuitiva e, há muito tempo, uma grande entusiasta de minha música [...], ela é a personificação da força interior, da calma e da generosidade”. Na imagem, Alsop e Adams, em um ensaio [2004].

Verdadeira homenagem à garra e ao pioneirismo de Alsop, a obra celebra seu percurso, que Adams descreve como “uma odisséia que a trouxe para onde ela se encontra hoje”: o posto de “modelo inquestionável para uma nova geração de mulheres compositoras”. Apesar de sugestivo, o título da peça, segundo o compositor, não faz menção a um sentido específico, mas apenas evoca livremente qualidades que associa com Alsop: “lealdade, determinação e devoção” — a rocha de apoio. Todavia, essas não são apenas as qualidades com as quais Alsop contou para superar os inúmeros desafios de

sua carreira, mas resumem também a própria Alsop, pedra fundamental sobre a qual os sonhos de tantas outras mulheres regentes se alicerçam.

Em entrevista sobre a obra para a Sinfônica de Chicago, o compositor explica que, musicalmente, *The rock you stand on* não segue nenhum grande plano, e revela que, quando compõe obras mais curtas como essa, tem por prática “sempre tentar começar com uma imagem musical vívida e seguir a partir disso”. “Um ensaio de dez minutos sobre ritmos poderosos e pulsantes”, a homenagem a Alsop transforma os “ataques individuais” de seu início “num sincopado dançante que passa de uma seção da orquestra para outra”.

Igor Reis Reyner

Escritor, pesquisador e pianista. Doutor em Letras pelo King's College London. Autor do livro *Corpo Sonoro & Sound Body* (Impressões de Minas, 2022).

Concerto para violino, Op. 14

1939

Instrumentação

piccolo
2 flautas
2 oboés
2 clarinetes
2 fagotes
2 trompas
2 trompetes
tímpanos
percussão
piano
cordas

A bem-sucedida estreia do *Adagio para cordas*, Op. 11, e do *Ensaio para orquestra*, Op. 12, de Samuel Barber em novembro de 1938 em uma emissão de alcance nacional da Sinfônica da NBC, regida por Arturo Toscanini, desencadeou um fluxo de encomendas de novas obras ao compositor. A primeira dessas grandes encomendas foi o *Concerto para violino*, Op. 14, solicitado pelo empresário e filantropo Samuel Fels em maio de 1939, a fim de promover a carreira do violinista Iso Briselli, seu protegido.

Finalizada no final de 1939, a obra teria estreado em janeiro de 1940, não fosse um impasse insuperável entre Barber e Briselli, com relação à natureza do terceiro movimento, ter adiado a estreia até 7 de fevereiro de 1941. Albert Spalding, e não mais Briselli, solou o *Concerto* com a Orquestra da Filadélfia, regida por Eugene Ormandy. A obra ainda seria revisada em novembro de 1948, antes de sua publicação em 1949.

Priorizando antes a expressividade que o virtuosismo — a despeito do terceiro movimento —, o *Concerto para violino* reflete a preferência do compositor por uma sonoridade mais tonal e convencional, seu gosto por formas do século XIX e sua propensão para o lirismo de natureza vocal. Apesar dessas qualidades, que fizeram com que Barber fosse chamado de “neorromântico”, o *Concerto* não é de forma alguma convencional.

Ao contrário, não se inicia de forma grandiosa, mas, sim, com uma apresentação nua do tema pelo solista; não oferece ao violinista cadências virtuosísticas no primeiro e último movimentos (reflexo de uma suposta aversão de Barber às cadências de concertos); e se encerra com um movimento final que é um estrito moto perpétuo, com execução musical praticamente ininterrupta por parte do violinista, algo inusual no repertório de concertos para o instrumento.

“Franco”, “sincero” e “livre de maneirismos musicais”, na opinião de críticos da época, o *Concerto para violino*, assim como o *Adagio para cordas*, ressalta a “escrita elegíaca” de Barber ao valorizar atmosferas melancólicas e melodias longas e sentidas, como o tema do oboé que introduz o segundo movimento. Mas, em contraste, deixa transparecer a distante influência de Stravinsky no “nervoso e dissonante” movimento final.

Igor Reis Reyner

Adagio para cordas, Op. 11
1936

Instrumentação

cordas

O uso do *Adagio para cordas*, de Samuel Barber, no filme *Platoon* [1986], do diretor Oliver Stone, sobre os dilemas morais da Guerra do Vietnã, contribuiu para a associação perene da peça com sofrimento e tristeza. Perene, pois em uma pesquisa online de 2007 da BBC Radio 4, o *Adagio* foi votado como a obra musical mais triste já composta. Seu contexto de composição, contudo, não envolve tristezas. Segundo movimento do *Quarteto de cordas*, Op. 11, foi escrito quando Barber e o compositor Gian Carlo Menotti [1911–2007], seu parceiro amoroso e profissional de toda uma vida, desfrutavam de uma temporada na pitoresca vila de St. Wolfgang, na Áustria, entre 15 de maio e 1 de novembro de 1936.



Na imagem, Barber e Menotti em St. Wolfgang em 1936.

Arranjado para orquestra de cordas para, com seu *Ensaio para orquestra*, Op. 12, compor um programa a ser regido por Arturo Toscanini, o movimento do quarteto foi estreado como *Adagio para cordas*, Op. 11, em 5 de novembro de 1938, pelo regente italiano e a Orquestra Sinfônica da NBC — orquestra de rádio cujas difusões, de alcance nacional, eram assistidas com “uma reverência quase religiosa”. Como Toscanini era refratário às composições modernas e às obras de compositores estadunidenses, o evento tornou-se um marco e consolidou, nacional e internacionalmente, a imagem do compositor, que dali em diante comporia quase que exclusivamente por encomenda.

Apesar de arrastado pelos críticos para o cansativo debate do velho contra o novo, dos tradicionalistas contra as vanguardas, o *Adagio* se consagrou, ganhando, em 1967, um arranjo para coro e órgão, ou piano, na forma de um *Agnus Dei*. Dedicado à contralto Louise Homer e ao compositor Sidney Homer — tios e mentores do compositor —, o *Adagio* combina, nas palavras de Kenneth Nott, “expressão apaixonada e controle estrito”.

Igor Reis Reyner

Sobre a transmigração das almas

2002

Instrumentação

piccolo
4 flautas
3 oboés
2 clarinetes
clarone
clarinete
contrabaixo
2 fagotes
contrafagote
4 trompas
4 trompetes
3 trombones
2 tubas
tímpanos
percussão
piano
celesta
sintetizador
2 harpas
cordas

Fã de rock e filho de um músico de jazz, John Adams criou uma linguagem eclética e receptiva à diversidade estética. Sua música, contudo, favorece tendências minimalistas — com transformações graduais através da repetição — e temáticas contemporâneas, combinação que fez de Adams um dos compositores vivos mais tocados nos dias de hoje.

Embora Adams tenha demonstrado interesse pela relação entre música e política desde o debate teológico presente em *American standard* [1973], obra de conclusão do bacharelado em música na Universidade Harvard, a aliança entre política e música ganharia protagonismo em sua obra por conta de um convite do revolucionário diretor Peter Sellars para que Adams compusesse uma ópera sobre a histórica visita de seis dias do presidente dos Estados Unidos Richard Nixon a Mao Tsé-tung, na China, entre 21 e 28 de fevereiro de 1972. Estreada na Grande Ópera de Houston, em 1987, com enorme sucesso, *Nixon na China* foi reapresentada mais de 70 vezes em seus primeiros anos, chegando a ser televisionada e a conquistar Grammys e um Emmy.

Essa experiência selaria a trajetória de Adams que, a partir daí, regressaria com frequência aos temas políticos: estreada em março de 1991, dias depois do fim da Guerra do Golfo, a ópera *A morte de Klinghoffer* discute a relação entre Israel e Palestina através no contexto do sequestro do navio cruzador italiano Achille Lauro por membros da Frente de Libertação da Palestina; o oratório *El niño* [2000] reconta a história do nascimento de Cristo a partir de passagens bíblicas combinadas com poesia em espanhol e inglês assinada por poetas hispânicas; *Doutor atômico* [2005] aborda os dilemas morais da criação da primeira bomba atômica, em 1945; e a ópera-oratório *O Evangelho segundo a outra Maria* [2012] reconta a última semana da vida de Cristo na terra a partir da perspectiva de Maria, irmã de Marta e Lázaro.

Na constelação de obras com temática político-social de Adams, destaca-se a encomenda da Filarmônica de Nova York em memória das vítimas do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001: *Sobre a transmigração das almas*. Estreada pelo grupo que encomendou a obra, o Coral de Artistas de Nova York e o Coro Jovem do Brooklyn, regidos por Lorin Maazel, em 19 de setembro de 2002, a obra conquistou o prestigioso Prêmio Pulitzer de 2003 e três Grammys em 2005.

A peça, como Adams esclarece, não é exatamente um réquiem ou memorial. “Se pressionado”, diz, “provavelmente a chamaria de ‘espaço da memória’”, já que, para ele, a música oferece “um espaço aonde você pode ir para ficar sozinho com seus pensamentos e suas emoções”. Inspirado pela sensação de recolhimento e maravilhamento “que se vivencia ao adentrar aquelas velhas e majestosas catedrais na França ou na Itália”, essa inusitada catedral sonora foi erigida com sons acústicos e eletrônicos, ruídos e notas musicais, fragmentos de textos e listas de nomes. Paradoxalmente densa e atmosférica, ela é tão profundamente pensada como um espaço de meditação e rememoração que a própria “conexão com um evento histórico particular — nesse caso, o 11 de setembro — está lá para caso você queira contemplá-la. Mas espero que essa peça invoque a experiência humana que está para além desse evento particular”.

Os textos são extraídos de mensagens deixadas logo após a tragédia por familiares e amigos de mortos e desaparecidos, e são divididos entre dois coros, um deles, um coro infantil. Essas mensagens de mães e pais, irmãs e irmãos, amigos e amados são poderosamente expressivas em sua crueza: “ele costumava me ligar todos os dias”; “meu coração está totalmente esvaado”; “ela tinha a voz de um anjo”; “vamos sentir sua falta”; “você jamais será esquecido”; “todos nós te amamos”; “te amo”. Afinal, a um só tempo expressam a experiência humana da dor da perda e revelam o limite da linguagem diante da força devastadora desse sentimento. Como diz Adams: “quando dizemos que ‘não há palavras’ em situações como essas, é isso que realmente queremos dizer”.

Essas mensagens ganham maior densidade ao reverberar através das atmosferas carregadas de tensão e emoção criadas pela orquestra em conjunto com sons pré-gravados da cidade, de passos, de risos e gritos distantes, de sirenes e barulhos de carro e caminhões. Caminhando em lenta metamorfose rumo a momentos de caos, essas paisagens sonoras enlutadas e um tanto etéreas tornam-se ainda mais irreais quando atravessadas pelas vozes masculinas, femininas e infantis — de amigos e familiares — que recitam nomes de vítimas do atentado.

Como um mantra ou uma ladainha, cada nome é seguido da declaração “desaparecido”, cuja repetição solene e mórbida reverbera como um dobre fúnebre pelas almas que fizeram a passagem. Criando um “memorial sonoro”, esses nomes ora são enunciados com clareza, ora sobrepostos e distorcidos, de modo que, incompreensíveis, refletem a falta de compreensão que nos acomete quando confrontamos o horror da violência humana. Nesse sentido, *Sobre a transmigração das almas* dialoga com *The unanswered question* [A questão não respondida], de Charles Ives, em que um trompete repete sete vezes “a permanente questão da existência”. Transmigrada, a questão que paira na obra de Adams é a da violência letal: “11 de setembro e a perda dessas pessoas, e a perda de qualquer pessoa... por um súbito ato de violência é uma pergunta não respondida”.

Sobre a transmigração das almas não propõe uma “narrativa” ou uma descrição musical. Antes, elabora fantasiosa e livremente uma cena da tragédia que marcou o compositor: “a imagem de milhões e milhões de pedaços de papel saindo pelas janelas do arranha-céu em chamas, criando uma verdadeira nevasca de papel branco descendo lentamente em direção à terra. O pensamento de tantas vidas perdidas em um instante [...] e também a ideia de todos aqueles documentos, memorandos, cartas, faxes, planilhas e sabe-se lá o que mais, todo aquele registro humano de uma forma ou de outra — tudo isso sugeria uma espécie de densidade de textura que eu queria captar na música, mas quase que numa sequência em câmera lenta de quadros congelados”.



Inaugurado uma década após a tragédia que marcou não apenas os Estados Unidos, mas o mundo todo: o Museu e Memorial Nacional do 11 de setembro.

É essa sequência de quadros afetivos e doloridos, sobrepostos de forma um tanto absurda e distorcidos lentamente que atravessamos em *Sobre a transmigração das almas*, obra em que a ideia de “transmigração” ultrapassa seu sentido básico de “movimento de um lugar para outro”, a fim de, como explica Adams, enfatizar “a passagem de um estado de existência para outro”, “o movimento da alma de um estado para outro”. Essa transição ou transformação, porém, adverte o compositor, deve ser entendida de modo amplo: “não me refiro

apenas à transição da vida para a morte, mas também à transformação que ocorre na alma daqueles que ficam para trás, daqueles que sofrem com a dor e a perda e que, depois dessa experiência, também saem dela transformados”.

Igor Reis Reyner



Assista ao Falando de
Música da semana.



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp

Desde seu primeiro concerto, em 1953, a Osesp tornou-se parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. A cada ano, a Osesp realiza em média 130 concertos para cerca de 150 mil pessoas. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Além da Orquestra, há um coro profissional, grupos de câmara, uma editora de partituras e uma vibrante plataforma educacional. A Osesp já realizou turnês em diversos estados do Brasil e também pela América Latina, pelos Estados Unidos, pela Europa e pela China, apresentando-se em alguns dos mais importantes festivais da música clássica, como o BBC Proms, e em salas de concerto como a Concertgebouw de Amsterdã, a Philharmonie de Berlim e o Carnegie Hall em Nova York. Mantém, desde 2008, o projeto “Osesp Itinerante”, promovendo concertos, oficinas e cursos de apreciação musical pelo interior do estado de São Paulo. Em 2026, a Osesp se torna a primeira orquestra brasileira a gravar pelo selo Deutsche Grammophon. É administrada pela Fundação Osesp desde 2005.



Coro da Osesp

O Coro da Osesp, além de sua versátil atuação sinfônica, enfatiza o registro e a difusão da música dos séculos XX e XXI e de compositores brasileiros. Destacam-se em sua ampla discografia *Canções do Brasil* (Biscoito Fino, 2010), *Aylton Escobar: Obras para coro* (Selo Digital Osesp, 2013) e *Heitor Villa-Lobos: Choral transcriptions* (Naxos, 2019). Apresentou-se em 2006 para o rei da Espanha, Filipe VI, em Oviedo, no 25º Prêmio da Fundação Príncipe de Astúrias. Em 2020, cantou, sob a batuta de Marin Alsop, no Concerto de Abertura do Fórum Econômico Mundial, em Davos, Suíça, feito repetido em 2021, em filme virtual que trazia também Yo-Yo Ma e artistas de sete países. Junto à Osesp, estreou no Carnegie Hall, em Nova York, em 2022, se apresentando na série oficial de assinatura da casa no elogiado *Floresta Villa-Lobos*. Fundado em 1994 por Aylton Escobar, integra a Osesp desde 2000, completando 30 anos de atividade em 2024. Teve como regentes Naomi Munakata [1995-2015] e Valentina Peleggi [2017-2019]. A partir de fevereiro de 2025, Thomas Blunt assume a posição de regente titular e, desde abril, Kaique Stumpf a de regente residente.

Coro Acadêmico da Osesp



Com o objetivo de formar profissionalmente jovens cantores, o Coro Acadêmico da Osesp oferece experiência de prática coral, conhecimento de repertório sinfônico para coro e orientação em técnica vocal, prosódia e dicção, além da vivência no cotidiano junto ao Coro da Osesp. Sob direção de Marcos Thadeu e regência de Leonardo Labrada, o grupo, criado em 2013, é composto pelos alunos da Classe de Canto da Academia de Música da Osesp que, em 2021, foi reconhecida pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo como Curso Técnico, com o Diploma Técnico Profissionalizante de Nível Médio. Esteve na ópera *Amor azul* [2024], de Gilberto Gil e Aldo Brizzi, e no Festival de Inverno de Campos do Jordão.

Coro Infantil da Osesp



Em atividade desde novembro de 2000, o Coro Infantil é formado por meninas de sete a 13 anos e meninos de sete a 12 anos. Qualquer criança, mesmo sem possuir formação musical prévia, pode ingressar no grupo. Além da oportunidade de apresentar-se ao lado da Osesp e do Coro da Osesp na Sala São Paulo e na Estação Motiva Cultural, as crianças recebem aulas de solfejo e leitura musical, preparação vocal, conhecimento de repertório e aprendizados de prosódia e dicção. Desde 2023, a regente do Coro Infantil é Erika Muniz, também soprano do Coro da Osesp.



Marin Alsop
regente

Marin Alsop é uma das principais regentes contemporâneas, pioneira ao assumir a regência das mais importantes orquestras mundiais. Primeira e única regente a receber uma Bolsa MacArthur, fez história como a primeira mulher a reger a *Last night of the proms* da BBC. É Diretora Artística e Regente Principal da Sinfônica da Rádio Nacional Polonesa, Regente Principal Convidada da Philharmonia Orchestra, Regente Principal Convidada da Orquestra da Filadélfia e Regente Principal do Ravinia Festival. De 2012 a 2019, foi Regente Titular e Diretora Musical da Osesp. Fundou a Bolsa de Regência Taki Alsop, capacitando regentes mulheres através de orientação, treinamento e apoio financeiro. Atualmente, as 36 vencedoras do programa ocupam mais de 30 cargos de diretoras musicais ou regentes principais em todo o mundo. Alsop é uma das artistas da série *Perspectives* do Carnegie Hall na temporada 2025–26 com a Philharmonia Orchestra, além de estar à frente de concertos em comemoração ao semiquincentenário dos Estados Unidos com a Orquestra da Filadélfia, o National Orchestral Institute Philharmonic e a The Juilliard Orchestra. Em 2021, Alsop assumiu os títulos de Regente Laureada e Fundadora do OrchKids da Sinfônica de Baltimore. É vencedora do Golden Baton Award de 2025, concedido pela Liga das Orquestras Americanas.



Randall Goosby
violino

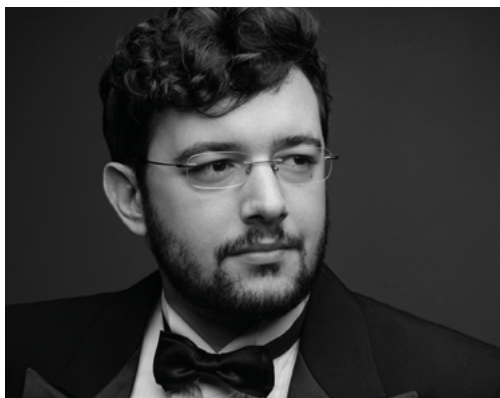
Artista exclusivo da Decca Classics, o violinista norte-americano já se apresentou com as Sinfônicas de Chicago, de Montreal, de Nova Jersey, de Pittsburgh, de São Francisco e de Jacksonville, a Filarmônica de Nova York, a Orquestra de Cleveland e a Filarmônica da Rádio Holandesa. Nesta temporada, estreia no Festival de Verbier e no Festival de Música Bravo!, e se apresenta pela primeira vez com a Orquestra Nacional da França e as Sinfônicas de Atlanta e de São Diego. Seu álbum de estreia, *Roots* [2021], lançado em colaboração com o pianista Zhu Wang, é uma celebração da música afro-americana desde os *spirituals* até as composições da atualidade. Em 2024, com a Filarmônica de Londres sob regência de Edward Gardner, interpretou o *Concerto para violino* de Barber, que ouvimos nesta noite. Ganhador do Prêmio Harmony for Change 2024, foi aluno de Itzhak Perlman, Catherine Cho e Philippe Quint. Desde 2024, participa da série Junge Wilde, do Konzerthaus Dortmund, e a partir de 2025, integra o corpo docente de violino da Juilliard School. Randall Goosby toca um Stradivarius de 1708, cedido generosamente pela Fundação Cultural Samsung.



Thomas Blunt

regente titular do Coro da Osesp

Thomas Blunt foi o primeiro participante britânico da prestigiosa Allianz International Conductors' Academy. Atuou como regente assistente junto a Vladimir Jorowski na Filarmônica de Londres. É, desde 2024, regente titular do Coro da Osesp.



Kaique Stumpf

regente residente do Coro da Osesp

Kaique Stumpf é formado em Regência Coral pela UFRJ, em Regência Orquestral pela Academia de Música da Osesp e é mestrando em Música pelo PROMUS-UFRJ. Com seu Coral Ars et Anima, apresentou-se no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.



Leonardo Labrada

regente convidado do Coro Acadêmico da Osesp

Regente assistente da Orquestra Experimental de Repertório, foi aluno da Academia de Regência da Osesp, e é doutorando em análise musical na Unesp. É regente convidado da Camerata da Academia da Osesp e do Coro Acadêmico da Osesp.



Erika Muniz

regente do Coro Infantil da Osesp

É doutora em Música pela USP. Desde 2008, integra o Coro da Osesp e, desde março de 2023, atua como regente do Coro Infantil da instituição. Foi solista junto a orquestras como Petrobras Sinfônica, Municipal de Campinas, Filarmônica de Minas Gerais e a própria Osesp.

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp

Diretor Musical e Regente Titular

Thierry Fischer

Violinos

Emmanuele Baldini **spalla**

Davi Graton **spalla convidado
para a temporada 2026**

Yuriy Rakevich **solista –
primeiros violinos**

Amanda Martins **solista –
segundos violinos**

Leandro Dias **solista –
segundos violinos***

Igor Sarudiansky **concertino –
primeiros violinos**

Matthew Thorpe **concertino –
segundos violinos**

Alexey Chashnikov

Anderson Farinelli

Andreas Uhlemann

Camila Yasuda

Carolina Kliemann

César A. Miranda

Cristian Sandu

Elena Klementieva

Elina Suris

Florian Cristea

Gheorghe Voicu

Guilherme Peres

Irina Kodin

Katia Spássova

Leonardo Bock

Marcio Kim

Michael Machado

Paulo Paschoal

Rodolfo Lota

Soraya Landim

Sung-Eun Cho

Svetlana Tereshkova

Tatiana Vinogradova

Violas

Horácio Schaefer **solista | emérito**

Maria Angélica Cameron
concertino

Peter Pas **concertino**

André Rodrigues

Andrés Lepage

David Marques Silva

Éderson Fernandes

Galina Rakhimova

Olga Vassilevich

Sarah Pires

Simeon Grinberg

Vladimir Klementiev

Violoncelos

Kim Bak Dinitzen **solista**

Heloisa Meirelles **concertino**

Rodrigo Andrade **concertino**

Adriana Holtz

Bráulio Marques Lima

Douglas Kier

Jin Joo Doh

Maria Luísa Cameron

Marialbi Trisolio

Regina Vasconcellos

Contrabaixos

Ana Valéria Poles **solista | emérita**

Pedro Gadelha **solista**

Marco Delestre **concertino**

Max Ebert Filho **concertino**

Alexandre Rosa

Almir Amarante

Cláudio Torezan

Jefferson Collacico

Ney Carvalho

Flautas

Claudia Nascimento **solista**

Fabíola Alves **flauta | piccolo**

Lincoln Sena

Sávio Araújo

Oboés

Arcadio Minczuk **solista | emérito**

Ricardo Barbosa **solista**

Natan Albuquerque Jr.

oboé | corne-inglês

Peter Apps

Clarinetes

Ovanir Buosi **solista**

Sérgio Burgani **solista | emérito**

Nivaldo Orsi **clarinete | clarone**

Daniel Rosas **clarinete | requinta**

Giuliano Rosas

Fagotes

Alexandre Silvério **solista**

José Arion Liñarez **solista**

Romeu Rabelo **fagote |**

contrafagote

Francisco Formiga

Trompas

Luiz Garcia **solista**

André Gonçalves

José Costa Filho

Nikolay Genov

Daniel Filho

Luciano Amaral

Trompetes

Marcos Motta **solista***

Antonio Carlos Lopes Jr.

Marcelo Matos

Trombones

Darcio Gianelli **solista**

Wagner Polistchuk **solista |**

emérito

Alex Tartaglia

Fernando Chipoletti

Trombone baixo

Darrin Coleman Milling **solista**

Tuba

Filipe Queirós **solista**

Tímpanos

Elizabeth Del Grande

solista | emérita

Rubén Zúñiga **solista**

Percussão

Ricardo Righini **1ª percussão**

Alfredo Lima

Armando Yamada

Harpa

Liuba Klevtsova **solista**

Convidados da temporada 2026

Abner Landim **violino**

Monique Cabral **violino**

Sávio Chagas **violino**

Simone Elenciu **violino**

Luis Fellipe **viola**

Guilherme Moraes **violoncelo**

Tiago Meira **flauta**

Edmilson Gomes **trompete**

Thiago Lamattina **percussão**

Convidados deste programa

Flavio Geraldini **violino**

Israel Rei Almeida **viola**

Adriana Lombardi **violoncelo**

Ivan Genov **violoncelo****

Leonardo Lima **contrabaixo****

Lucas Crispim **oboé**

Dayvison Gabriel Gomes **fagote****

Thiago Ariel **trompa**

Matheus Mendes **trompete****

Kauã Requena **trompete**

Luciano Silva **tuba**

Soledad Yaya **harpa**

Ariã Yamanaka **piano e celesta**

Cinthia Sell **celesta e sintetizador**

Gabriela Prates **piano**

* Interino

** Academista da Osesp

Coro da Osesp

Regente Titular

Thomas Blunt

Regente Residente

Kaique Stumpf

Sopranos

Anna Carolina Moura
Eliane Chagas
Erika Muniz
Fernanda Ribeiro
Giulia Moura
Laura Duarte
Luciana Crepaldi
Marina Pereira
Natalia Áurea
Regiane Martinez **monitora**
Roxana Kostka
Pollyana Santana
Valquiria Gomes

Contraltos e mezzo sopranos

Cely Kozuki
Clarissa Cabral
Cristiane Minczuk
Fabiana Portas
Léa Lacerda
Maria Angelica Leutwiler
Maria Raquel Gaboardi
Mariana Valença
Mônica Weber Bronzati
Patrícia Nacle
Silvana Romani
Solange Ferreira
Vesna Bankovic **monitora**

Tenores

Anderson Luiz de Sousa
Ernani Mathias Rosa
Fabio Vianna Peres
Jabez Ramos Lima
Jocelyn Marocco
Luiz Eduardo Guimarães **monitor**
Mikael Coutinho
Odórico Ramos
Rúben Araújo
Thiago Costa

Barítonos e baixos

Aldo Duarte
Erick Souza **monitor**
Fernando Coutinho Ramos
Flavio Borges
Francisco Meira
Guilherme Gimenes*
Israel Mascarenhas
Joao Vitor Soares Ladeira
Laercio Resende
Sabah Teixeira

Pianista correpetidor

Fernando Tomimura

Coro Acadêmico da Osesp

Regente

Marcos Thadeu

Regente convidado

Leonardo Labrada

Sopranos

Ana Paula Ferreira
Bruna Pércia
Fernanda Zappeloni
Isabella Ribeiro
Jhoanna Hidalgo Morales
Joyce Coutinho
Julia Polim
Katherine de Andrade

Mezzos e contraltos

Brenda Umbelino
Graziela Oliveira
Isabella Grossi
Julia Andreotti
Luíza Freitas
Verônica Rosa

Tenores

Gabriel Pottel
Lázaro Aleixo
Luan Augusto
Maicon Pereira
Robson Godoy

Barítonos e baixos

Luan Strombek
Vitor Barrak

Pianista correpetidora

Juliana Ripke

Coro Infantil da Osesp

Regente titular

Erika Muniz

Vozes

Anna Beatriz Smith Skaf
Anne Damasceno Macedo Santos
Beatriz Porto Foti Mascate
Bernardo Geromes Catulé
Bruna Rafaela Martins Grillo
Caio Martin Gaudêncio Carvalho
Carolina Dantas Aviles
Clara Ferrero de Oliveira
Daniel Dantas Aviles
Davi Capinan Rubens
Elisa Mendonça Henrichs Fornari
Eva Rafaela Rosa Guimarães de Souza
Evellyn Senne dos Santos

Felipe Carnavarolo Martins
Felippe de Carvalho Lopes dos Santos Simão
Gabriela Martz da Silva
Gabrielle Hadassa Nogueira
Guilherme Tettamanti Torres
Helena de Andrade Matos
Helena Rodrigues Petersen
Heloísa Pasqualini Tomé
Iara Araujo de Lorence
Inês Lobo Viana de Oliveira
Jamal Pena Veloso
João Henrique da Silva Pereira
Juan Pablo Monteiro de Barros Gana
Kenzo Miyazaki de Oliveira
Lara Medeiros Perroni Seraphin
Laura Araujo Confessor
Lorena Medeiros de Oliveira
Lorena Moreira Tenorio
Luíza de Andrade Leite Lima
Luíza Del Busso Soares
Marcos André da Silva Barbosa
Maria Helena Milagres Menegat
Maria Luíza de Andrade Souza
Maryana Dias Silva
Maya Duarte Santos
Maysa Alves Silva
Melissa Bolzan Ribeiro
Michelle Benedetti Silva Guimarães
Miguel Gonzaga dos Santos
Noemi de Lima Brito Ferreira
Pedro Gabriel da Silva Morato de Carvalho
Pedro Queiroz Caramelo
Rafaela Senhor dos Santos
Sarah Camacho Silva
Silvia Porto Spaggiari
Sofia Bugles Cunha Gouveia
Sophia Marques de Oliveira
Sophia Martins Chaves
Teresa Raquel Martins Grillo
Theo Queiroz Caramelo
Valentina Oliveira Martinelli
Vitoria Uzuelle de Moraes

Pianista correpetidora

Gabriela Prates

Professora assistente

Jaíne Azevedo

Preparadora corporal

Mônica Caldeira

* Músico convidado

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária de Estado
Marília Marton

Secretário Executivo
Marcelo Henrique de Assis

Subsecretário
Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefia de Gabinete
Vicenno Carone

**Diretora de Difusão,
Formação e Leitura**
Jenipher Queiroz de Souza

**Diretora de Fomento à Cultura,
Economia e Indústria Criativas**
Liana Crocco

**Diretora de Preservação do
Patrimônio Cultural**
Mariana de Souza Rolim

**Chefe da Assessoria de
Monitoramento e Governança
de Dados Culturais**
Marina Sequetto

Equipe da Diretoria de Difusão, Formação e Leitura

**Coordenador de Planejamento
de Difusão e Leitura**
José Renato Gonçalves

**Coordenadora de Planejamento
de Formação Cultural**
Thais Aparecida da Silva

**Assessores das Coordenações
de Planejamento de Difusão,
Formação e Leitura**
Antônio Luis Zerbeto Rocha
Fabiana Cristina dos Santos Rigorfi

Unidades Técnicas Responsáveis

**Divisão de Gestão de
Difusão e Leitura**
Chefe de Divisão:
Marcos Vinícius Carnaval

**Divisão de Gestão de
Formação Cultural**
Chefe de Divisão:
Karina Silva Bernardino

**Divisão Técnica de
Difusão e Leitura**
Chefe de Divisão:
Ana Carolina Florêncio Nogueira

**Divisão Técnica de
Formação Cultural**
Chefe de Divisão:
Thiago Brandão Xavier

Equipe Técnica

Ana Paula de Souza Ferreira
Camila Macedo Cruz Lustosa
Carmem Cristina Pereira da Silva
Ediana Borges Lima
Eloisa Gabriel Barbosa dos Santos
Giane Geraldello Batista do
Nascimento
Ingrid Silveira Marques
Jadir Xavier Prates
Jhonatan Henrique da Silva
Jussara Cardoso
Lucia de Angelo Lima
Maura Crostini
Michele Pereira de Medeiros
Miriam Mayumi Nakamura
Sandra Stefanie Amaral Ghirotti
Thaíssa Bispo de Souza
Thayna de Oliveira Mesquita

Fundação Osesp

Presidente de Honra
Fernando Henrique Cardoso

Conselho de Administração
Pedro Pullen Parente **presidente**
Stefano Bridelli **vice-presidente**
Ana Carla Abrão Costa
Célia Kochen Parnes
Jackson Scheider
Jefferson Collacico
Luiz Lara
Mario Engler Pinto Junior
Sylvia Coutinho
Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

Comissão de Nomeação
Fernando Henrique Cardoso
presidente
Celso Lafer
Fábio Colletti Barbosa
Horacio Lafer Piva
Pedro Moreira Salles

Presidente e CEO
Marcelo Lopes

**Diretor Jurídico, Financeiro e
Administrativo**
Fausto Arruda

Diretora de Gestão de Pessoas
Flavia Adrião

**Diretora de Comunicação e
Marketing**
Mariana Stanisci

**Superintendente de Planejamento
Artístico**
Gabriela Martins de Souza

Superintendente Educacional
Rogério Zaghi

Superintendente de Operações
Daniela Viegas Marcondes

Conheça toda a equipe em:
**[fundacao-osesp.art.br/
fosesp/pt/sobre](http://fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre)**

Próximos concertos

20 DE SETEMBRO

Câmara: Mendelssohn para três e oito

Complementando o ciclo de sinfonias de Mendelssohn conduzido por Thierry Fischer na Temporada, a série de Câmara apresenta um programa inteiramente dedicado ao compositor.

1, 2 E 3 DE OUTUBRO

Da profundidade de Shostakovich à vitalidade de Nielsen

Em um programa repleto de contrastes, Dima Slobodeniouk estreia com a Osepe. Entre obras de Olga Neuirth e de Carl Nielsen, Roman Simovic interpreta o sombrio *Concerto para violino nº 1*, de Dmitri Shostakovich.

8, 9 E 10 DE OUTUBRO

Um mergulho na música japonesa

O programa traz obras oníricas e vibrantes. Takemitsu, com *To the edge of dream e Vers, l'arc en ciel*, Palma, tem Fabio Zanon como solista, intercaladas por *Klartraum*, de Noriko Baba. Depois desse mergulho na música, a vital *Sinfonia nº 6* de Dvorák, conduzida por Jac van Steen.



Agenda completa
e ingressos

Primeira vez na Sala? Algumas dicas

Após o terceiro sinal, a Sala de Concertos é fechada – quando for possível entrar após o início da apresentação, siga as instruções dos indicadores e ocupe discretamente o primeiro lugar vago.

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim.

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

O consumo de alimentos não é permitido no interior da Sala: conheça nossas áreas destinadas a isso – o **Restaurante Vivace**, o **Café da Sala** e a **Cafeteria Lillas Pastia** (no interior da **Loja Clássicos**).

Acesso à Sala

Nosso **estacionamento** funciona das 6h às 22h ou até o fim do evento.

O pagamento pode ser feito no 1º subsolo ou no Hall Principal.

No Boulevard, há o estande da **Use Táxi** para agendamento de viagens, e uma área interna para embarque e desembarque de passageiros.

Também é possível acessar a Sala por **trem** e **metrô**, por meio da passagem que liga o estacionamento com a Estação Luz, aberta das 6h às 23h30; ou ainda, ao sair pelo Boulevard, seguir pela Praça Júlio Prestes à estação de trem de mesmo nome, com acesso à Linha 8 Diamante da ViaMobilidade.



Confira todos os horários de funcionamento e detalhes em: salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja

www.osesp.art.br

 @osesp_

 /osesp

 /videososesp

 @osesp

escute a osep

 spotify

 apple music

 deezer

 amazon music

 idagio

www.salasaopaulo.art.br

 @salasaopaulo_

 /salasaopaulo

 /salasaopaulodigital

 @salasaopaulo

escute as playlists da sala

 apple music

www.fundacao-osesp.art.br

 /company/fundacao-osesp/

Uirapuru – Revista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osep
Praça Júlio Prestes, nº 16, São Paulo, SP

Periodicidade seriada em fluxo contínuo, com
edições dedicadas a cada programa de concerto.

Expediente

Jéssica Cristina Jardim **coordenação editorial**

Pablo Mazzuco **coordenação do projeto gráfico**

Bernardo Cintra **designer**

Silas Oliveira **designer**

Miguel Levi Molina **assistente editorial**

Igor Reis Reyner [colaborador externo] **revisão crítica**

Imagens

P. 3 e 4 Eleazar de Carvalho e Osep no Teatro Cultura Artística.

©Acervo Fundação Osep

P. 5 Formação da Osep em 1974. ©Acervo Fundação Osep

P. 8 Marin Alsop e John Adams em um ensaio [2004]. ©Rr Jones

P. 11 Aaron Copland com Samuel Barber e Gian-Carlo Menotti,
em Bernardsville [1945]. ©Library of Congress

P. 16 Museu e Memorial Nacional do 11 de setembro [2012].

©Dave Z, sob Creative Commons

P. 17 Osep. ©Mario Daloia

P. 18 Coro da Osep. ©Mario Daloia

P. 19 Coro Acadêmico da Osep. ©Pedro Castro

P. 19 Coro Infantil da Osep. ©Laura Manfredini

P. 20 Marin Alsop. ©OgataPhoto

P. 21 Randall Goosby. ©Jeremy Mitchell

P. 22 Thomas Blunt. ©Mario Daloia

P. 22 Kaique Stumpf. Divulgação

P. 22 Erika Muniz. ©Mario Daloia

P. 22 Leonardo Labrada. ©Rafael Domingos



O uirapuru é um pequeno pássaro da Amazônia, conhecido por seu canto raro e melodioso. Diz-se que traz sorte, amor ou transformação.

A lenda indígena inspirou Villa-Lobos no poema sinfônico-bailado *Uirapuru* [1917], que sugere o universo fantástico da ave por meio de solos de instrumentos de sopro.

É dessa imagem de um canto raro e profundamente ligado à paisagem sonora do Brasil que nasce também o nome da revista da Osesp.

Uirapuru @ Comunicação Fundação Osesp, setembro de 2026



Lei Rouanet

| o | s | e | s | p |

Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo



REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**
Secretaria da Cultura,
Economia e Indústria Criativas

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



PRONAC: 254480